

MONTOITO E AS SUAS GENTES – A SOCIEDADE UNIÃO E A SEDE NOVA

I

“[...] rendo-me. Diante disto rendo-me, e digo mais que vale a pena, afinal, haver história, haver arquitectura e haver respeito por quantos souberam ser antes bichos e poetas do seu casulo [...]. Para que me surja vivo e sagrado aos olhos o que os meus antepassados fizeram, é preciso que essa lição seja não só testemunho mas destino [...] que eu sou latino, que eu sou árabe, que eu sou cristão, que eu sou peninsular, que eu sou português”.

Miguel Torga, 1960.

Apesar dos quase três quartos de século volvidos desde a sua edificação, pela relativa beleza e grandiosidade arquitectónicas, o edifício-sede da *Sociedade União Montoitense* ostenta ainda hoje distintividade face ao casario circundante. Este aspecto, acrescido do da sua localização, mesmo no coração da vila, tem-lhe conferido ao longo dos tempos uma centralidade dificilmente contornável nas vivências culturais e recreativas das gentes de Montoito, dando, assim, pleno sentido e relevância ao objectivo primordial deste ‘escrito’, ademais quando, como se perceberá adiante, a obra legada não parece ter sido simplesmente fruto de uma qualquer circunstância ou acaso, mas antes o resultado da vontade e determinação de uma ‘constelação de Montoitenses’, nuclearizada num triângulo liderante de ideais e convicções sinergicamente convergentes.

Como surgiu e de quem partiu a ideia da construção de um novo edifício-sede para a Sociedade União?

Como se cimentou e aprofundou essa ideia?

Quais os principais protagonistas que a desenvolveram, lhe deram expressão e acabaram de facto por a concretizar?

Que alinhamentos e dinâmicas se geraram em torno desse histórico movimento local?

A procura de respostas para as questões anteriores constituiu como que um desafio, uma vez que, por um lado, os escritos desse tempo, na forma de actas de índole diversa, assentos contabilísticos, registos de correspondência ou outro género de documentação, não contemplam uma resposta directa e automática às questões anteriores e, por outro lado, os relatos e as muitas ‘estórias’ que se contam ainda hoje a esse respeito deixam, por vezes, a impressão de alguma imprecisão e inquinamento emocionais, decorrentes da previsível e natural ‘dificuldade de distanciamento’ dos que de perto viveram esses acontecimentos.

Ainda que a construção das respostas se apresente arquitectada na sua quase totalidade sobre as bases documentais referidas, a exposição alinha-se em torno de temas e episódios, expandindo-se, por vezes, sob um estilo ficcionado, porém, sustentada em elementos documentais verídicos ou, pelo menos, tomados como tal, já que deles se procedeu nesse tempo à sua exarcação em acta ou em documento congénere e tal exarcação mereceu à época a ratificação dos que nesses *fóruns* de discussão participaram.